

Participação e Feminismo em Disputa: construindo a participação da mulher conservadora

Palavras-Chave: participação política, gênero, conservadorismo

Autores(as):

MARIA CLARA MELO LEITE, IFCH - UNICAMP

Profª. Drª. LUCIANA FERREIRA TATAGIBA, IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O foco deste estudo se dá sobre as ações dos movimentos partidários de mulheres filiadas aos partidos da direita radical Republicanos e Partido Liberal (PL), que atuam incentivando a participação, por meio do canal eleitoral, de mulheres conservadoras. Coexiste um cenário de sub-representação de mulheres na política, motivado sobretudo a grupos de partidos da direita radical que historicamente não combatem essa exclusão (Chapman, 1993; Norris, 2003) e de presentes ações de incentivo e resgate dessa lacuna por partidos da direita radical no Brasil. Portanto, se observa um cenário onde os partidos conservadores, com destaque no caso desta pesquisa aos partidos Republicanos e Partido Liberal (PL), passaram a perceber as mulheres como força eleitoral decisiva e suas demandas como incontornáveis (Teixeira De Barros; Da Silva Nascimento, 2022).

Esta pesquisa, focará nas ações dos movimentos partidários de mulheres dos dois partidos supracitados. O Mulheres Republicanas, liderado pela senadora Damare Alves (Republicanos-DF), que levanta uma forte bandeira defendendo que os 30% de reserva de cotas para mulheres seja superado, e que, por meio de ações do partido, o número de candidaturas femininas supere o número de candidaturas masculinas e que, dessa forma, mulheres passem a ser maioria no partido. O PL Mulher, liderado por Michelle Bolsonaro, também empunha uma bandeira próxima a esta, defendendo, em termos democráticos, uma maior inserção de mulheres conservadoras na participação e representação política.

Entretanto, fazendo uma contestação ao cenário de incentivo à participação política de mulheres em nome da democracia por partidos conservadores, Biroli (2021) aponta que intelectuais da atual onda neoconservadora, que impacta transversalmente diversos países pelo mundo, dão ênfase a refutação da participação feminina feita por meio de condições e políticas paritárias. Indica que estes intelectuais alegam que essas políticas afirmativas são uma forma de institucionalizar as “ideologias femininas” e de gênero no âmbito nacional e estadual.

Portanto, desenha-se um cenário de contradição entre a ação de incentivo e oportunidade à participação feminina por parte dos partidos conservadores e o cumprimento das regras formais de

inclusão de mulheres. Tendo em vista, e consoante ao que é colocado por Biroli (2021), que mulheres eleitas por esses partidos se colocam deliberadamente contra as cotas de paridade na política. Deputadas Federais como Júlia Zanatta (PL-SC), Caroline De Toni (PL-SC) e Carla Zambelli (PL-SP), são exemplos de políticas que questionam a eficácia das cotas para gênero. Motivadas por suas próprias visões ideológicas, comuns a partidos conservadores, que individualizam e personificam suas vitórias políticas, desvinculando-as dos partidos (Mainwaring et al., 2000). Essas Deputadas também instrumentalizam a família em sua ação política, promovem uma disputa de valores e concepções de mundo aos moldes de uma “guerra cultural” (Inglehart; Norris, 2019) com grupos progressistas, redefinindo e disputando, até o sentido de gênero e de “ser mulher” (Biroli et al., 2020; Galetti, 2022)

Posto o contexto de fortalecimento de setoriais femininos em partidos conservadores, torna-se necessário compreender como mobilizam os sentidos de participação política e como justificam a participação de mulheres na política, por meio do canal institucional. Em um cenário de disputa por um ideal de “ser mulher”, pela participação e representação feminina, protagonizada pelos partidos conservadores, se faz fundamental uma análise que pense sobre as retóricas dos movimentos de mulheres conservadoras, vinculadas a partidos da direita radical, em prol de uma participação plural e equiparada entre homens e mulheres e, sobretudo, entender suas contradições. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é dar luz a essa questão. Pergunta-se, portanto: quais são os sentidos de participação política acionados por mulheres conservadoras ao justificar a importância da participação das mulheres na política eleitoral e partidária?

Por fim, a problemática de pesquisa se relaciona com uma discussão mais ampla sobre a qualidade e impactos da representação de mulheres conservadoras na política institucional. É foco desta literatura pensar como as relações de gênero impactam no presente cenário de erosão de democracias representativas (Cooper, 2019; Biroli et al., 2020). Apesar de não ser o escopo central desta pesquisa, este estudo colabora com essa discussão, pois ao focar nas ações dos movimentos femininos partidário, em nome do incentivo à participação e representação de mulheres, tangencia também as preocupações presentes nesses textos e propõe-se dar luz a um tema ainda pouco explorado por esse conjunto de textos.

METODOLOGIA:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que explora três ações articuladas: análise de documentos partidários, entrevistas com lideranças políticas e observação participante em eventos promovidos pelos movimentos partidários de mulheres do PL e do Republicanos em nome da participação política feminina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os resultados desse estudo se tecem a partir da afirmação que a participação política feminina é um campo intenso de disputas. O incentivo à participação de mulheres na política, com o objetivo de fortalecer a qualidade da democracia representativa, se parece com uma agenda já estabelecida entre os diferentes campos políticos, posicionados de forma distinta no espectro político. Em outras palavras, a agenda da participação não se parece ideológica e nem se constitui como um campo de disputas políticas por seu sentido (Biroli et al., 2020). Contudo, a grande contribuição desta pesquisa é mostrar que o campo da participação política feminina, por meio do canal eleitoral, tem grande importância política e é foco de disputas entre campos políticos contrários.

Estas disputas podem ser sintetizadas em três critérios, tendo em vista que as lideranças políticas analisadas nesta pesquisa disputam e ressignificam a participação política feminina a partir de três campos de conflito: Quem e por que participam? Por onde definem um ideal de política conservadora guiada por objetivos específicos; como participam? Por onde definem repertórios de ação para guiar suas campanhas políticas e disputar terreno com grupos progressistas; e, onde participar? No qual definem os lugares nos quais as mulheres devem ocupar espaços para disputar políticas e visões de mundo com grupos opositores. Os resultados de pesquisa serão subdivididos de acordo com essa divisão de tópicos.

QUEM PARTICIPA E POR QUÊ: os movimentos partidários femininos defendem um ideal de mulher conservadora para a política, especialmente voltado para a figura da mãe, como modelo de mulher determinada, devota e sensível para os problemas sociais e políticos. Nesse sentido disputam também sentidos sobre os termos empoderamento e submissão, se apropriam da ideia de empoderamento ao passo em que defendem o lugar de submissão da mulher na sociedade. Justificam os motivos da participação da mulher conservadora afirmando que o mundo vive uma crise de valores morais, e por se relacionarem a valores familiares, caberia a essas mulheres a sua resolução.

COMO PARTICIPAM: por onde argumentam que há um modo feminino conservador de se participar, baseado nas noções de política dos afetos e da sensibilidade. Atuam também a partir da instrumentalização dos valores familiares no campo eleitoral e político. Sobre como as mulheres conservadoras participam na política, destaca-se um trecho de uma das entrevistas, em que a entrevistada deixa claro como agem as essas mulheres na política formal, por onde fazem, em metáfora, do Congresso suas casas e o contexto de crise a bagunça que precisam arrumar. "Em relação às mulheres, eu acho que trazer a mulher para política a gente traz esse olhar mais humanizado, é, mais detalhista, a exemplo de uma casa mesmo, se normalmente um homem arruma a cama a colcha, pode ter certeza, que vai ficar meio tortinha, e a gente vai lá e deixar tudo retinho, tudo bonitinho, a mulher é mais detalhista [...] Eu acho que a mulher conservadora traz essa visão assim para pequenos detalhes

ali, principalmente, na questão de educação, de inclusão, na questão da família, que a base da sociedade, então acho muito importante por isso” (Entrevistada)

ONDE PARTICIPAR: em que defendem uma participação para além do campo institucional, valorizando a participação em outros meios públicos, como Conselhos Tutelares, por exemplo. Os partidos analisados empreendem uma ação inovadora no campo da participação, pois resgatam modelos locais de solidariedade feminina e os projetam no nível nacional e estadual durante a campanha eleitoral, em outros termos, incentivam a participação da mulher por meio de amplas redes de afeto.

CONCLUSÕES:

Como conclusão, esta pesquisa identificou que a participação política é um importante tema em disputa, cujo sentidos precisam ser considerados para compreender os conflitos, que se trata de modo mais amplo, entre movimento feminista e contramovimento de mulheres conservadoras. Aponta para a necessidade de pensar os impactos da participação política da mulher conservadora na representação e como elas impactam as bases do sistema democrático. Levando em conta, o processo que empreendem pela redefinição das esferas públicas e privadas sobre os lugares das mulheres e dos homens na sociedade, a partir de ações políticas pela diminuição do papel do Estado e ampliação do papel social da família.

BIBLIOGRAFIA

- AVELAR, Lúcia. A Participação Política da Mulher e a Ideologia do Conservadorismo Político Feminino: subsídios para novas pesquisas. In: Encontro Anual Anpocs, 11, 1987, Águas de São Pedro SP.
- BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, Conservadorismo e Democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BIROLI, Flávia. Gênero, “Valores Familiares” e Democracia. In: BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CHAPMAN, Jenny. **Politics, Feminism and Reformation of Gender**. Londres: Routledge, 1993.
- COOPER, Melinda. **Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism**. New York: Zone Book, 2019.
- GALETTI, Camila Carolina Hildebrand; CARNIEL, Farner. Antifeminismo e feminismo liberal na política brasileira: uma análise da atuação pública de parlamentares do PSL na 56ª Legislatura Federal. 2021.

MAINWARING, Scott; MENEGUELLO, Rachel; POWER, Timoty. **Partidos Conservadores No Brasil Contemporâneo - Quais São, O Que Defendem, Quais São Suas Bases**. São Paulo: Paz E Terra, 2000.

MIGUEL, Luís Felipe. Política de interesses, política do desvelo: representação e “singularidade feminina”. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 253–267, 2001.

NORRIS, P; INGLEHART, R.” Who votes for the authoritarian-populist parties?”. In: **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

NORRIS, Pippa. **Rising Tide: Gender Equality and Cultural Change around the World**. Cambridge, Mass: Cambridge University, 2003

PHILLIPS, Anne. De uma política de idéias a uma política de presença? *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 268–290, 2001.

PINHEIRO, Luana Simões. **Vozes Femininas na Política: uma análise sobre mulheres parlamentares no pós-Constituinte**. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres: Brasília, 2007.

TEIXEIRA DE BARROS, Antônio; DA SILVA NASCIMENTO, Willber. Mulheres partidárias: atuação militante e participação nas atividades dos partidos. *Revista Agenda Política*, v. 9, n. 1, p. 186–225, 2022.